

NEWS

A acessibilidade não é um extra

27 de julho de 2026, Tobias Engl



Há planos de projeto em que a acessibilidade aparece mesmo no fim. Abaixo do logótipo, abaixo da paleta de cores, abaixo da questão de saber se o vídeo de fundo tem mesmo de correr em 4K. Um asterisco, uma linha, um ponto de que se trata se sobrar tempo. É assim que se trata um extra. Algo simpático por cima, facultativo, para causar boa impressão.

Há quase um ano que esse extra é lei. A Barrierefreiheitsstärkungsgesetz, a lei alemã de reforço da acessibilidade, está em vigor desde junho de 2025, com um nome tão pesado que dificilmente se pronuncia sem barreiras. Leva a sério o que durante muito tempo passou por gesto. Quem dirige aparelhos ou serviços digitais ao público tem de os construir de forma a chegarem a todos. Percetíveis por mais do que um sentido. Legíveis também para olhos que já não são os melhores. Utilizáveis por mãos que tremem.

Um extra pode ser dispensado. É essa toda a sua natureza. É aqui que está o erro de raciocínio que encarece os projetos ... o que se planeia em último lugar é o que se planeia pior. A acessibilidade aparafusada no fim também tem esse aspeto. Um botão de leitura em voz alta colado a um canto. Um contraste retocado até passar por pouco. Visto assinalado, coração ausente.

A ScreenWay dispensou essa ordem. Entre nós, a acessibilidade não está no fim do plano, porque não há plano nenhum em que ela pudesse faltar. Um ecrã ScreenWay diz em voz alta o que mostra. Apresenta o texto em tamanhos que ainda se leem do outro lado da sala. Oferece o mesmo conteúdo em várias línguas e por vários sentidos, porque uma imagem sozinha não chega a toda a gente. Não tivemos de adaptar nada para isso; a arquitetura existia desde o início.

O prazo está fixado, as coimas são reais e, algures, alguém anda neste momento a aparafusar à pressa o seu extra. Uma porta que se abre para todos não é uma porta especial. É uma porta que percebeu a sua função. Os ecrãs também podem percebê-la.